

O potencial de significados no *manga One Piece* e a comunidade de fãs: uma nova metodologia de estudo de recepção¹

Andre Luis dos Santos²
Maria Ogécia Drigo³

Resumo: O artigo explora o potencial de significados presente em um *manga*, história em quadrinhos japonesa. A partir do uso de metodologia ainda incipiente, baseada na teoria do interpretante do lógico americano C. S. Peirce e do método de análise semiótica de Santaella, catalogamos parte dos possíveis interpretantes presentes em páginas do *manga*; coletamos comentários de leitores na *internet* e as classificamos como possíveis interpretantes dinâmicos; inserimos esses comentários em diagrama para verificar possíveis padrões, evidências de uma lei na comunidade. Como resultados, observamos que os leitores dialogam com a imagem nos três níveis do pensamento, ainda que a imagem por si só tenha uma força maior como interpretante energético, evidenciando uma possível comunidade em curso entre os fãs.

Palavras-chave: *One Piece*. *Manga*. Teoria do Interpretante. Análise Semiótica. Recepção.

1 Introdução

O *manga* é o formato de histórias em quadrinhos criado no Japão, suficientemente distinto dos formatos ocidentais para ganhar denominação própria. Embora o grau de influência do *comics* americano seja ponto de contenda entre os estudiosos de *manga*, Schodt (2012) encontrou nas histórias das manifestações artísticas japonesas as raízes do *manga*, até sua consolidação no formato moderno a partir da obra de Osamu Tezuka.

Diferenças significativas do *manga* para os *comics* americanos aparecem inclusive em seu processo de produção. Como descrito por Luyten (2012), o *manga* é escrito e desenhado por um único artista ou grupo de artistas, denominado o *mangaka*, e a obra pertence ao *mangaka* para dar seus próprios rumos criativos, diferente do sistema de *syndicate* nos EUA, em que as personagens pertencem à editora, e escritores e desenhistas se revezam para produzirem as histórias. Desta diferença emerge a continuidade característica do *manga*, cujas histórias possuem um começo, meio e fim, ainda que se desenrole por um longo período de tempo. Para Gusman (2005), essa continuidade possibilita que novos leitores ingressem na comunidade da obra com facilidade, e permite

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Imagens Midiáticas do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Doutorando em Comunicação e Cultura (Uniso), eu@andresantos.jor.br. Aluno bolsista da Capes, código de financiamento 001.

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura (Uniso). Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e Pós-Doutora pela ECA/USP, maria.drigo@prof.uniso.br.

que as mídias derivadas do *manga* (desenhos animados, filmes, jogos...) tenham fidelidade ao produto original, servindo de pontos de entrada para a história em quadrinhos.

Para Luyten (2012), a facilidade de acesso e a ampla diversidade dos títulos são os motivos do sucesso do *manga* no Japão. Revistas que publicam antologias de histórias, em formato folhetim, vendem centenas de milhares de exemplares por semana. A mais famosa delas, a *Weekly Shounen Jump*, publica, apenas no Japão, 1,6 milhão de fascículos por semana. Número diminuto perto dos 6,5 milhões de exemplares semanais em 1995, quando a revista alcançou seu auge, antes da digitalização. Conforme Luyten (2012), a maior parte dos novos títulos de *manga* são primeiros publicados em antologias, para depois serem republicados em volumes exclusivos, para colecionadores. Estes volumes são depois traduzidos e publicados no exterior.

O produto de nossa investigação é um desses *manga*, intitulado “*One Piece*”. Exemplo da longevidade de uma história, iniciou sua publicação em 1997, tendo hoje mais de mil capítulos publicados, agrupados em aproximadamente 100 volumes. Seu *mangaka*, Eiichiro Oda, vendeu mais de 480 milhões de cópias ao redor do planeta (PETERS, 2021), colocando-o como um dos autores de ficção mais vendidos da história, motivo de nossa escolha pela obra.

“*One Piece*”, publicado na *Weekly Shounen Jump*, é um “*shounen*”, uma história para garotos. Conforme Luyten (2012), os *manga* são seccionados por gênero e por idade de seus leitores-alvo, apresentando características próprias em suas histórias. Para o público jovem, principalmente adolescentes, as duas grandes divisões são entre *shoujo* e *shounen*. O primeiro, segundo Schodt (2012), utiliza um formato mais experimental, artístico, com pouca divisão entre os *frames* que compõem a página, além de terem personagens com olhos desproporcionalmente grandes e emotivos, para invocar o máximo de expressividade possível; quanto à temática, imperam os romances (tanto hetero como homossexuais), o ambiente escolar, a descoberta da sexualidade e os dramas da adolescência. Já no *shounen*, ainda com Schodt (2012), o enfoque estão nas cenas de batalha e nos temas fantásticos. Schodt (2012) revela que é curioso o interesse do Japão, um dos países mais pacíficos e desarmados do planeta, pela violência e as cenas sangrentas que se popularizam nos filmes, desenhos animados e *manga*. Entretanto, Schodt (2012) verifica que os feitos militares são exaltados na história do Japão e

impregnam o teatro clássico, o sistema de educação e os valores japoneses. Assim, o *shounen* enquadra suas batalhas, geralmente acompanhadas de poderes mágicos e feitos sobrehumanos, dentro de um sistema de honra, autodisciplina, resiliência e rigidez moral, valores que constituem o *bushido*, segundo Benedict e Tozzi (2012), o caminho dos guerreiros *samurai* e o *ethos* do Japão em geral.

Esses valores impregnam o *shounen* nos mais diferentes formatos, desde as batalhas fantásticas até os esportes, ganhando novas roupagens no *shounen* moderno, como no teatro (“Act Age”), nas artes plásticas (“Blue Period”), a moda (“Runway de Waratte”) e os concursos de culinária (“Food Wars”).

“One Piece” segue o esquema de produção relatado por Luyten (2012), publicado primeiro na revista *Weekly Shounen Jump*, semanalmente na forma de capítulos, antes de ser republicado em volumes próprios. Os volumes são lançados no Brasil, traduzidos, pela editora Panini, com o intervalo de alguns meses após a publicação no Japão. Essa distância temporal, que já fora bem maior no passado, levou os fãs de “One Piece” a traduzirem o *manga* japonês por conta própria, trabalho chamado de *scanlator* nas comunidades de fãs da *Internet*. Assim que o *manga* é publicado na revista, os capítulos são digitalizados (“scan”) e traduzidos pelos fãs que dominam o japonês (“translator”). Fãs habilidosos com os *softwares* de edição de imagem substituem as falas nos balões e *frames* pela tradução, disponibilizando por fim a obra na *Internet*, gratuitamente. Equipes consagradas de *scanlator* possuem seus próprios *websites* e reúnem grandes comunidades ao seu redor, consumindo, discutindo e produzindo ao redor dos capítulos lançados.

Para a realização dessa pesquisa, tomamos o maior desses grupos, especializado na tradução do “One Piece”, o “One Piece EX” ou *OPEX*, como é apelidado. São os seus capítulos traduzidos e os comentários deixados pelos fãs no *website* que constituem o *corpus* de nossa pesquisa. Entretanto, antes de passarmos ao método desenvolvido para analisar essa comunidade, nos voltamos às bases teóricas que o sustentam.

2 O Interpretante e o método

Savan (1987, p. 40), observa que “a teoria do interpretante é a mais extensa e importante da teoria dos signos de Peirce”, pois, de fato, grande parte da arquitetura filosófica de Peirce, como seu pragmatismo, filosofia da ciência e seu método lógico repousam sobre ela. Para Santaella (1995), o interpretante tem posição ainda mais vital

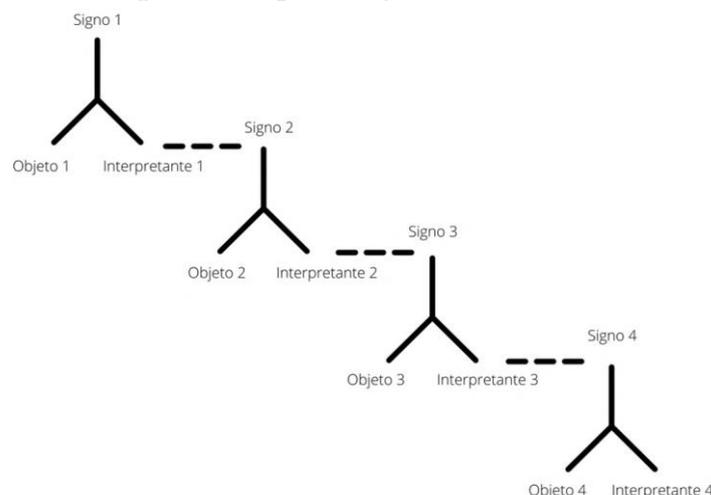
dentro da teoria peirceana, posto ser o interpretante a parte necessária para que o signo seja o que é – ou, em outras palavras, para que haja representação, para que algo fique no lugar de outra coisa com quem tem relação, é preciso de um interpretante, um terceiro que faça a conexão.

O objeto da semiótica, o Signo, é, por sua natureza, uma tríade. Peirce tentou, durante toda sua vida, oferecer uma definição clara de signo que o fizesse ser entendido por seus contemporâneos, com resultados variados, como relata Santaella (1995). A definição mais popularizada, que o signo é “algo que representa algo para alguém”, no entanto, tornou-se mais uma pedra de tropeço que auxílio para o leitor principiante.

Primeiro, pois a materialidade deste “alguém” é irrelevante. O interpretante não é um intérprete, que irá impor sobre o signo sua interpretação subjetiva, mas é uma criação do próprio signo, ou seja, “a relação deve consistir, portanto, de um poder do signo para determinar algum interpretante, como sendo signo do mesmo objeto” (CP 1.542). Daí podemos tirar duas conclusões: que nessa definição, são as relações das três partes do signo (signo, objeto, interpretante) que importam, sendo que o signo é determinado pelo objeto, e o interpretante é determinado pelo signo; e, em segundo, que o interpretante é ele mesmo um signo, que tem em comum com o signo anterior o mesmo objeto.

Essa segunda característica implica em um processo de continuidade, que tanto progride como regride infinitamente (CP 2.92), aquilo que Peirce chama de semiose, ou ação continuada do signo, como podemos observar no diagrama da Figura 1.

Figura 1 – Diagrama do percurso da semiose



Fonte: adaptado de MERREL (1997, p. 15).

Por ser o significado do signo, o Interpretante tem a natureza de uma representação do signo, mas toda representação é, por si mesma, um terceiro. Logo, o interpretante de um signo é outro signo. Como escreve Buczinska-Garewicz (1983, p. 318), “significado é um fenômeno de um sistema; ele não existe separadamente. Todo signo significativo deve ser, de acordo com a definição de Peirce, traduzível em outro signo significativo, e assim por diante”. O Interpretante de um signo ocupará o espaço de fundamento do próximo signo, como observamos na Figura 1. Ora, se assim for, o interpretante e o fundamento do signo são ambos de natureza sgnica, apenas trocando de nomenclatura conforme sua posição na cadeia da semiose. E de fato são, assim como o próprio objeto também é de natureza sgnica, pois, conforme Santaella (1995, p. 88-89), “o objeto do signo (aquilo que o signo representa) só pode estar representado no signo porque é, ele próprio (o objeto), também uma representação (isto é, um signo)”. Na cadeia infinita da semiose, as três partes da tríade signo-objeto-interpretante são de natureza sgnica, e isso não é de modo algum uma circularidade ou uma tautologia, pois as partes constituintes do signo são nomeadas de acordo com a relação que estabelecem com as outras partes, assim como as expressões *pai de* ou *vizinho a* são significadas pela relação que descrevem entre partes. Dessa forma, o primeiro recebe o nome de signo, porque representa o objeto; o segundo é o objeto, pois determina o signo; e o terceiro é o interpretante, porque é determinado imediatamente pelo signo e mediamente pelo objeto. Daí provém a utilidade de uma metodologia de análise, que envolva tanto o signo como seus interpretantes (seus efeitos), posto ser “signo” e “interpretante” diferenciados apenas pela posição que ocupam nas relações internas da tríade sgnica.

Entretanto, a semiose genuína é um limite teórico, posto que, no mundo, os signos nem sempre geram interpretantes na forma de outros signos. Ao invés, a cadeia da semiótica em algum ponto se interrompe, colocando no mundo interpretantes imperfeitos, que não continuarão crescendo, mas que cumprem alguma função específica. Os signos com quem topamos no mundo são de natureza concreta e, portanto, imperfeita. A estes, como vimos anteriormente, Peirce chamou de “degenerados”, ao tomar emprestada uma nomenclatura vinda da geometria. Não é um julgamento moral nem um sentido pejorativo, mas sim uma explicitação de seu caráter incompleto, primitivo, imperfeito. Signos genuínos são abstratos, encadeados de maneira virtualmente infinita tanto em

direção ao passado como em direção ao futuro. São estes signos genuínos que interessam à semiótica, e não aos degenerados, como revela Buczinska-Garewicz (1983, p. 323):

O modelo universal da semiose para Peirce é o pensamento interpretador e interpretado, todo os outros tipos de signos são apenas de caráter secundário. Consequentemente, a análise semiótica deve tomar a mesma direção – deve explicitar a essência do signo genuíno e então elucidar as funções dos degenerados. Nenhuma aproximação genética é correta na semiótica, esta não vai das formas e signos incompletos para os completos, mas sim, das genuínas para as degeneradas, isto é, das formas gerais para as particulares.

Assim, nosso método de análise dos interpretantes deve basear-se não nos interpretantes concretos, portanto degenerados, que encontramos no mundo, mas nos genuínos, fosse o signo plenamente realizado em seu potencial de significados. E, para tal, devemos antes direcionar nosso olhar para as partes constituintes dos interpretantes, antes de finalmente nos voltarmos para a parte prática de fato do método.

Todo terceiro pode ser decomposto em três partes constitutivas, pois para ser terceiro é preciso passar pela primeiridade e pela secundidade. Assim, há um Primeiro dentro de um Segundo, e há um Primeiro e um Segundo dentro de um Terceiro (EP 1.243). Assim, Peirce fez diversas tentativas de decompor o interpretante, sob diferentes nomenclaturas, o que tornou-se ponto de contenda entre seus leitores posteriores. De acordo com Johansen (1985 *apud* SANTAELLA, 1995), que debruçou-se sobre essas diferentes manifestações da teoria, pode-se dividir o trabalho de Peirce em três grandes e diversos princípios norteadores, do mais abstrato, ao calcado na fenomenologia e menos genérico, a um mais concreto, específico das relações dialógicas.

Este último, embora pareça mais caro à área da comunicação, está mais entrincheirado no diálogo entre pessoas, e nosso interesse está no potencial de significados que um produto midiático, o *manga*, causa em seus fãs. Assim, tomaremos o caminho do meio, usando a divisão mais conhecida entre os comentadores peirceanos, baseada nas categorias fenomenológicas e produzida quase ao fim da vida de Peirce, em seu momento de maior maturidade de seu sistema filosófico.

O primeiro elemento dessa divisão é o chamado Interpretante Imediato, sobre o qual Peirce escreve, “o interpretante Imediato consiste na Qualidade da Impressão que um Signo está apto a produzir, não diz respeito a qualquer reação de fato” (CP 8.315). Torna-se óbvia, portanto, a posição que o interpretante Imediato ocupa dentro da divisão do

interpretante, correspondendo à Primeiridade. Também é claro, inclusive por ser um primeiro, que o interpretante Imediato abarca a totalidade do que o signo está apto a produzir, é potencial e não- realizado. Aqui podemos retomar o fato que diferencia o interpretante de um intérprete: o efeito que o signo pode produzir é uma propriedade interna a ele, é algo objetivo e não depende de um intérprete para dar ao signo seu sentido, assim, Peirce revela sobre o interpretante Imediato que “é tudo que está explícito no Signo em si mesmo, descartando seu contexto e circunstâncias de emissão” (CP 5.473).

Entretanto, nem toda a potencialidade de sentido (ou melhor, de significado) de um signo é efetivada. Assim, ao caminharmos em direção à Secundidade do interpretante, adentramos o efeito que o signo efetivamente produziu, ou seja, aquilo que Peirce chamou de Interpretante Dinâmico é o “efeito real que o Signo, como Signo, de fato, determina” (CP 4.536). É o efeito in concreto, como chamou Santaella (1995), do signo, “um evento real, singular” (SS 111) deste sobre uma mente.

Haveria mais alguma coisa para um signo produzir? Para Savan (1987), Peirce encontrou a resposta ao adentrar na seara da Terceiridade, no caráter de lei, regularidade. Peirce observa que os interpretantes dinâmicos (as respostas particulares e concretas) que são encontrados ao se estudar a história do desenvolvimento das ideias, seja de uma pessoa ou de um grupo, não são aleatórios, nem resultado de um processo mecânico de ação-reação. Para Peirce (PWP 249), a evolução das ideias da humanidade revela certas tendências e padrões que são pistas da ação de uma lei em crescimento. Peirce nomeou esse terceiro o Interpretante Final, um hábito vivo (CP 5.475), que está além da repetição mecânica.

“Final” não diz respeito a um encerramento do processo. Ao contrário, como apresentado anteriormente, cada interpretante é um novo signo, de forma que o interpretante final é justamente o primeiro passo para a geração de um novo signo. Ao invés, é de finalidade, propósito, que Peirce tira a nomenclatura. Como relata Savan (1987), fosse dado suficiente tempo ao signo para que se desenvolvesse plenamente, certos padrões de significados seriam observados, certas mudanças de hábito, crescimento. Esse é o poder do interpretante final, que também está, segundo Santaella (1995), in abstrato, no potencial do signo.

Uma segunda tricotomia, entretanto, é observada em MS 318, de 1907. Aqui, Peirce divide o interpretante em Emocional, Energético e Lógico, sendo que o primeiro “pode

importar em algo mais do que o sentimento de reconhecimento, e, em alguns casos, é o único efeito significado que o signo produz” (CP 5.475). Se o signo ainda produzir mais algum efeito, será Energético, “e tal efeito envolverá sempre um esforço [...]. O esforço por ser muscular [...], mas é usualmente um exercer do mundo interior, um esforço mental. Não pode ser nunca o significado de um conceito intelectual, uma vez que é um ato singular” (CP 5.475). Se houver ainda mais algum efeito, será o interpretante Lógico, “pode provar-se que o único efeito mental, que pode ser assim produzido e que não é um signo, mas é de aplicação geral, é uma mudança de hábito” (CP 5.476)

Para Savan (1987), as duas tricotomias podem ser conciliadas a partir da ideia de “efeito produzido” da segunda, colocando-a como uma divisão do Interpretante Dinâmico. De maneira complementar, a visão de Johansen (1983 *apud* SANTAELLA, 1995) é a de que cada divisão da primeira tricotomia (Imediato, Dinâmico e Final) teria sua própria tríade emocional, energética e lógica, como exibido no diagrama (Fig. 2).

Figura 2 – Diagrama das tricotomias

1. Imediato
 - 1.1. Emocional
 - 1.2. Energético
 - 1.3. Lógico (Em termos de possibilidade ainda indefinida.)
2. Dinâmico
 - 2.1. Emocional
 - 2.2. Energético
 - 2.3. Lógico (Em termos de efeito realmente produzido.)
3. Final
 - 3.1. Emocional
 - 3.2. Energético
 - 3.3. Lógico (Em termos de propósito a ser preenchido.)

Fonte: SANTAELLA, 1995, p. 110.

Assim, a partir dessa visão conciliada de Savan (1987), Johansen (1983 *apud* SANTAELLA, 1995) e Santaella (1995), desenvolvemos nosso método de análise dos interpretantes, nos três níveis apresentados. Para tanto, vamos inventariar os interpretantes em potencial no signo interpretantes genuínos, vinculadas ao interpretante imediato. Para empreender essa análise do produto, tomamos as estratégias de análise do signo proposto por Santaella (2018), a Semiótica Aplicada, que faz emergir o potencial de significados que impregnam, no caso, os capítulos selecionados do *manga*.

Em seguida, analisamos os interpretantes degenerados, concretizados. O caráter imperfeito desses interpretantes é ainda mais evidente, se destacarmos que os comentários dos fãs são postados em sites na Internet, o território de fato da comunidade de fãs. São mensagens que passaram pelo filtro da linguagem e da mediação do computador. No entanto, a análise leva em conta que os comentários dos fãs extravasam uma argumentação ou síntese, que envolvem também emoções ou ação bruta, o que permite aproximações a possíveis interpretantes dinâmicos emocionais e energéticos, respectivamente, gerados pelos signos em ação. Assim, sendo o interpretante dinâmico o único in concreto da tríade, nossa análise das mensagens coletadas enquadra esses comentários em um sistema de classificação de acordo com seu conteúdo, dividindo-os em emocionais, energéticos e lógicos.

Finalmente, utilizamos os mesmos comentários, efeitos in concreto, para identificar tendências. Essa parte do método toma emprestada o diagrama e seu potencial que, conforme explica Peirce (CP 2.277), é um signo que gera conhecimentos novos quando o intérprete analisa as relações nele sugeridas. Assim, como diagrama, usamos a nuvem de pontos, que permite visualizar uma tendência para o movimento dos interpretantes dinâmicos. Cada interpretante é postado num plano cartesiano, em que os eixos indicam o tempo, com data e horário em que o comentário foi postado.

Reordenando as etapas do processo, temos a análise do signo, o *manga*, ocupando a posição de interpretante imediato; a análise dos comentários como o interpretante dinâmico; e, por fim, a análise do diagrama dos comentários, para verificar a presença da ação de lei, como o nosso interpretante final. Percorrendo assim o caminho do interpretante teremos uma visão objetiva de qual o potencial de sentido aproveitado dentro da comunidade de fãs do “*One Piece*”. Passemos ao primeiro passo.

2.1 Análise do interpretante imediato

Apresentamos, agora, análise das duas últimas páginas do capítulo 989, do *manga* “*One Piece*” (Fig. 3).

Figura 3 – Capítulo 989: “Não sinto que vamos perder”



Fonte: ODA, 2020, p. 16-17.

A Figura 3 mostra as duas últimas páginas do capítulo 989, traduzido pelo *OPEX*. Publicado na primeira semana de setembro de 2019, apresenta uma das muitas batalhas de “*One Piece*”. Iniciaremos com os aspectos qualitativos e seus efeitos. Sendo o *manga* formado por imagens e palavras, a qualidade se apresenta também por meio das formas, cores, texturas, dimensões, direções, entre outros, bem como por jogos construídos com tais elementos. Os aspectos qualitativos se fazem signo quando o olhar contemplativo de um intérprete se faz presente.

As cores preta, branca e acinzentadas ocupam o plano constituindo formas e texturas. As linhas são marcantes, bem definidas. No topo da página, as figuras maiores se posicionam em semicírculo, com as menores nas pontas opostas e maiores ao centro, formando um domo, direcionando o olhar do leitor e emprestando simetria à imagem. Na página à direita, nos cantos inferiores, há apenas um *frame*, também simétrico, uma figura clara e arredondada ao centro, figuras pontiagudas de cada lado. Linhas radiais preenchem o fundo, dirigindo o olhar do leitor para encarar a forma ao centro. Na página oposta, a simetria é quebrada por três *frames* consecutivos de diferentes tamanhos, mais

densamente amontoados e escuros. O primeiro, maior, possui duas manchas ou sombras negras em destaque, disformes e sem detalhes. Os dois *frames* seguintes são quase completamente preenchidos por formas escuras: no primeiro, um oval com dois pontinhos e uma fileira de triângulos alternados sugere um rosto com a boca em esgar, enquanto as linhas circulares ao topo emprestam uma textura seca ou envelhecida, como couro. O *frame* seguinte é quase todo sombra, exceto por dois círculos pequenos, como olhos, e uma linha diagonal sugerindo um longo bico.

A profusão de formas aglutinadas constrói uma ambiência agitada, ruidosa, densa e impregnada de movimentos. Os interpretantes gerados estão a ela vinculados e tendem a ser muito efêmeros, posto que tal instabilidade não contribui para a permanência do olhar contemplativo, ao invés, incita a busca de novos detalhes para identificar os elementos ali presentes. Sendo assim, a página tende a prevalecer como sinsigno, um existente.

Vejam os então quais detalhes podem ser capturados por um olhar observacional. A figura em domo dissolve-se nas personagens co-protagonistas de “*One Piece*”, de armas em punho e trajando vestimentas típicas do Japão. No canto inferior esquerdo, as figuras são desenhos de animais: um parece ser um jacaré ou crocodilo, o outro, um grande corvo. Ambos são desenhados com óculos, roupas e marcações na face. Do lado direito, o herói da trama, o capitão Luffy, grita. Em seu rosto vê-se sujeira ou ferimentos, indicando uma batalha em curso. Os heróis estão sobre ruínas, com um monumento ao fundo, rastros de uma possível luta ou desastre. Finalmente, a pose adotada é típica das séries japonesas de super-heróis mascarados, como *Kamen Raider* ou *Power Rangers*, com a fumaça ao fundo simulando as explosões características do gênero.

Esses aspectos podem gerar interpretantes dinâmicos reativos, atados à violência da batalha e à identificação dos protagonistas envolvidos. Se prevalecerem os efeitos qualitativos, os interpretantes podem ser os dinâmicos emocionais, vinculados ao desconforto, à inquietação gerados pela batalha travada.

Finalmente, no terceiro nível da consciência impera o poder da lei, da generalidade e das convenções. A escrita verbovisual que caracteriza o *manga* está presente na página: a disposição dos *frames*, os balões de fala e o texto neles são convenções, regras compartilhadas. Mas há ainda outros elementos simbólicos que impregnam as figuras e assim agregam significados específicos ao produto em análise.

Os vilões apresentados nos últimos *frames* são, possivelmente, um crocodilo e um corvo, ainda que com características humanoides. O crocodilo, segundo Chevalier e Gheerbrant (2015), é uma figura ambígua que pode representar o horror, a violência e as trevas e, ao mesmo tempo, a ressurreição e a divindade. Na mitologia oriental, sua pele era usada para fazer tambores, reforçando sua proximidade ao sagrado. Da mesma forma, enquanto no ocidente o corvo é presságio da morte, segundo Chevalier e Gheerbrant (2015), na Ásia ele é símbolo da gratidão filial, por alimentar seus pais após o nascimento. No Japão, é o mensageiro divino. Portanto os inimigos que espreitam os heróis estão obscurecidos na ambiguidade, vida e morte concomitantes. Esses aspectos podem contribuir para a geração de interpretantes emocionais ou energéticos, atados ao medo e inquietação frente à morte.

As cores também têm seus significados. Os heróis têm rostos claros, grandes e expressivos. Os vilões ficam à sombra, escurecidos. A cor preta, conforme Pastoureau (2011) foi associada à ausência de vida, ao vazio e ao mortífero, enquanto na Ásia está associada à fecundidade e a maternidade, ainda que sem perder seu caráter de angústia e sofrimento.

A caveira de ossos cruzadas, no centro do grupo de protagonistas, é uma versão da Jolly Roger, símbolo da pirataria, e também é a bandeira do grupo dos heróis. Com as personagens posando em círculo ao seu redor, pode sugerir que o grupo a protege.

Finalmente, passemos à linguagem verbovisual. A palavra, símbolo por excelência, não se restringe aos balões, mas também está incorporada na imagem, técnica característica do *manga*, segundo Schodt (2012). Ainda que se mantenha como legissigno simbólico, também ocupa a posição de legissigno indicial, posto que diferenças da grossura das linhas e o alongamento das palavras indica um tom de voz mais forte ou um som prolongado. Deste modo, intensificam a possibilidade de geração de interpretantes energéticos ou emocionais, agregando, de modo indireto, o som às imagens.

Assim, os interpretantes energéticos parecem predominar num primeiro momento. Vejamos, agora, como os interpretantes se atualizam na próxima parte da análise, por meio dos comentários coletados.

2.2 Análise do interpretante dinâmico

Para alcançarmos o maior número possível de comentários, desenvolvemos um *software* simples de coleta de dados da plataforma *Disqus*, utilizada pelo *OPEX* para gerenciar os comentários. Na plataforma, usuários podem deixar mensagens sobre o capítulo, ou responder os comentários de outras pessoas. Como nosso interesse está nas impressões sobre o próprio capítulo do *manga*, excluimos esses últimos, através da ferramenta desenvolvida. Como a caixa de comentários é aberta pelos administradores do *OPEX* algum tempo antes da publicação das páginas traduzidas do *manga*, também descartamos os comentários anteriores à data da disponibilização do capítulo, para tanto utilizamos o anúncio publicado pela equipe do *OPEX* na plataforma *Twitter* – publicado simultaneamente à disponibilização do capítulo – para determinar o dia real da postagem. Finalmente, a caixa de comentários permanece aberta indefinidamente após a publicação, porém a comunidade move-se de capítulo para capítulo, de forma que, depois de estar disponível um novo capítulo, a caixa de comentários dos anteriores recebe comentários esparsos, dos “retardatários” que estão “colocando em dia” o *manga*, ou daqueles que retornaram a um capítulo anterior para checar uma informação.

Assim, limitamos nosso *corpus* a apenas sete dias, contando a data da publicação, posto que “*One Piece*” é uma publicação seriada semanal, de forma que, geralmente, haverá um novo capítulo findos os 7 dias, e a comunidade irá comentar nele pela próxima semana.

Escolhemos o capítulo 989 do “*One Piece*” por ser o primeiro, depois de um longo tempo, em que todos os co-protagonistas da história estão reunidos, algo que os fãs do *manga* receberam com grande comoção. De fato, o capítulo em questão foi um dos que mais recebeu comentários no segundo semestre de 2020, quando fizemos a coleta. De acordo com o *Twitter*, o capítulo 989 foi publicado no site do *OPEX* no dia 4 de setembro de 2020. Assim, colhemos 693 comentários, do dia 4 até o dia 10 de setembro, de acordo com a distribuição apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Divisão dos comentários

data (2020)	quantidade de comentários
04/09	548
05/09	64
06/09	46
07/09	22
08/09	5
09/09	5
10/09	3
total	693

Fonte: Elaboração própria.

Como explicamos anteriormente, ao tomarmos esses comentários como interpretantes atualizados do signo, que é o *manga*, eles são vistos como interpretantes dinâmicos do *manga*, mas de modo indireto. Ou ainda, convém destacar que a mensagem dá pistas em relação ao interpretante gerado quando do envolvimento do leitor com o capítulo em circulação. A partir de Savan (1987) e Santaella (1995), encontramos uma divisão lógica desses interpretantes em três níveis: dinâmicos emocionais, dinâmicos energéticos e dinâmicos lógicos.

Assim, dividimos os comentários de cada capítulo seguindo essa designação. Relembrando o resumo que Peirce faz, no MS 318:

Agora é necessário apontar que há três tipos de interpretantes. Nossas categorias os sugerem, e a sugestão é confirmada pelo exame cuidadoso. Eu os nomeio o Interpretante Emocional, o Energético e o Lógico. Eles consistem, respectivamente, em sentimentos, em esforços e em mudanças de hábito.

Assim, uma sensação ainda indistinta, uma admiração ou um incômodo são interpretantes dinâmicos emocionais. Nos comentários deixados nos capítulos, esses se traduzem na forma de observações vagas como “gostei muito” ou na extrojeção de emoções intensas, como dizer que chorou em certa parte do capítulo.

O interpretante dinâmico energético representa um dispêndio de energia, um esforço, “sejam eles esforços no mundo exterior ou interior” (MS 318:45). Assim, uma resistência aos fatos brutos, bem como fechar um livro e largá-lo depois de certos

desdobramentos, são formas de interpretantes dinâmicos energéticos. Mais importante, o interpretante dinâmico energético é um ato singular. Há comentários que dão pistas da atualização desse interpretante, que está latente em “piadas” e brincadeiras postadas pelos fãs. Há manifestações que sugerem dispêndio de energia, como o ato de parar de ler o capítulo, ou não aceitar os desdobramentos da história, bem como sentimentos de ansiedade, roer de unhas e gritos.

Finalmente, há um grande número de comentários lógicos. Para Peirce (MS 318:45), o interpretante dinâmico lógico implica em uma mudança de hábito, na construção de uma generalização. Assim, classificamos como tais os comentários que apresentavam reflexões sobre o *manga* lido, seja na forma de reflexões sobre a estrutura narrativa (como argumentar que o vilão era fraco como forma de aumentar a expectativa para o próximo inimigo, ou que o autor estava brincando com os leitores, e o vilão se revelaria muito mais poderoso, para tornar a luta final mais dramática), seja como reflexões sobre o sentido das atitudes e falas das personagens, em que os leitores colocam-se em seus lugares para determinar se essas atitudes são discrepantes ou não.

Exemplos dos comentários encontrados, e suas classificações, estão no Quadro 1.

Quadro 1 – Exemplos de interpretantes

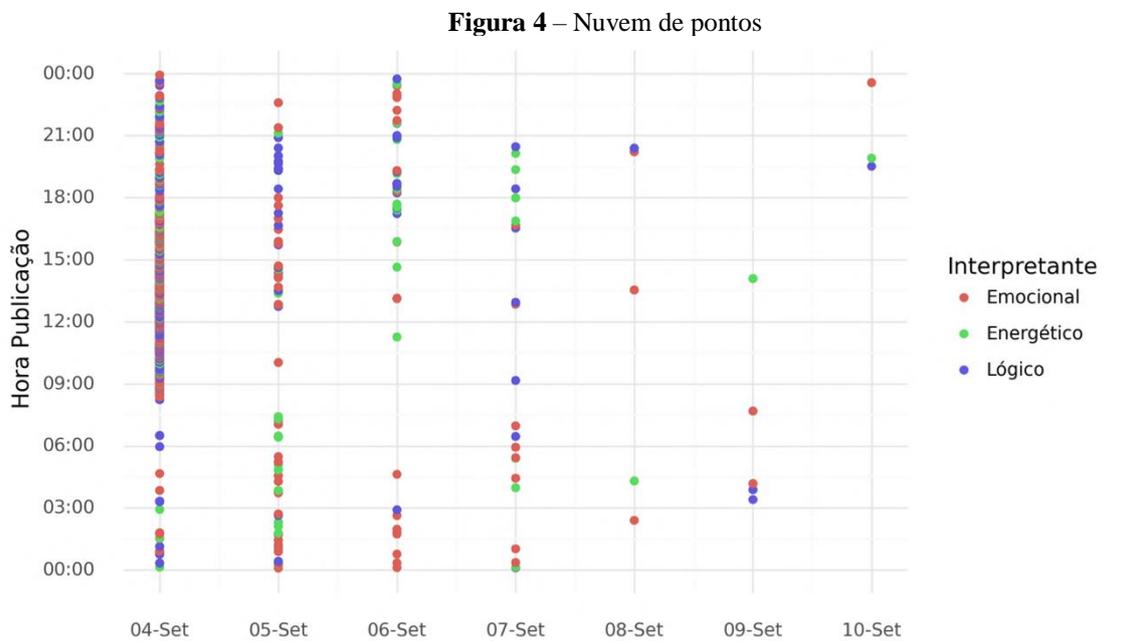
Classificação	Exemplo de comentário
Emocional	Mano, como eu amo essa obra.
	AAAAAAAH ESSE É MEU BANDO!!!!!!;!
	Mano me emocionei pa karalho com o Franky, chorei na moral, quando ele falou sobre ter medo de yonkou sendo que o nosso capitão vai ser o Rei dos Piratas, mds
Energético	Number derrotado com um golpe????
	A P0rra do capítulo tá tão foda que eu tô escrevendo isso agora, mas ainda não terminei de ler pq fico indo e voltando nas páginas s2 s2
	Parei de tentar adivinhar quem vai lutar contra quem só vou aproveitar a história sem criar x expectativas
Lógico	Todo mundo subestimava Sanji dizendo que ele não tinha nem um nível de um Jack, mas agora levou um ataque super poderoso da calamidade mais forte e saiu de boas. Não tá pior que o Luffy e Zoro. Espero muito que ele derrote Queen e desperte o haki avançado nessa luta e que seja também uma batalha de resistência. O traje ou a pele imprenetavel do dinossauro. Falando do Franky: FODA! Amo o Franky desde o começo e ele merecia esse destaque. O trio "covarde" tem

	que aprender com os outros do bando que não se deve temer uma mera Yonkou. Sobre ela... Acho plausível o que está acontecendo. Isso é One Piece. Com certeza ela ainda irá ser bem aproveitada. O que eu quero mesmo e que o bando dela e principalmente Smoothie mostre seu poder, afinal, é lógico que ela seja mais forte que Cracker e um nível superior ao gear 4 de Luffy daquele arco. O que é bastante poderosa. Acho que daria pra ter uma luta dela com as duas Tobbi Ropo ou Hancock se ela aparecer, mas acho que Boa é forte demais pra ela.
--	---

Fonte: Elaboração própria.

2.3 Análise do interpretante final

Para construir a nuvem de pontos, transformamos cada comentário classificado em um ponto, cuja coordenada no eixo *x* corresponde ao dia de publicação e, no eixo *y*, a data da publicação. Assim, podemos encontrar padrões nos comentários, principalmente naqueles que foram realizados em conjunto, quando os fãs poderiam conversar. A nuvem de pontos pode ser observada na Figura 3.



Fonte: Elaboração própria.

No capítulo 989, a cena da reunião dos membros do grupo de heróis foi impactante para os fãs. Assim, o adensamento de interpretantes emocionais pode ser conectado a esse evento. Mesmo assim, interpretantes lógicos se intercalam durante todo o primeiro dia.

Por “*One Piece*” ser uma história longa e com centenas de personagens, os fãs apresentam diversas teorias sobre os próximos acontecimentos da narrativa. Seja sobre o mistério que engloba toda a trama, o tesouro chamado *One Piece*, seja sobre os acontecimentos pontuais de cada arco da história. Algumas preocupações recorrentes observadas na amostra é o que chamamos de “apostas de luta”, ou seja, quando fãs discutem que tal personagem entrará em combate com outra personagem específica. Cada membro do grupo de co-protagonistas possui uma especialidade ou poder único, sendo assim, ao serem apresentados a um vilão com poderes similares ou compatíveis, a comunidade teoriza que, cedo ou tarde, os dois irão digladiar. Raramente personagens femininas lutam com as masculinas, de forma que novas vilãs são vistas pela comunidade como possíveis duelos com as mulheres do grupo de heróis. Finalmente, duas grandes preocupações foram observadas na amostra, que não estão diretamente relacionadas com as páginas do *manga* em si, mas que fazem emergir interpretantes energéticos e lógicos: a proximidade do capítulo de número 1.000, que os fãs acreditavam que traria algum desdobramento especial da obra; e a própria comunidade, que diversos fãs criticaram e elogiaram em conjunto com suas impressões do capítulo, seja por estarem surpresos com o grande número de comentários, seja para reclamarem que a comunidade “teoriza muito” ou que seus membros estão sempre insatisfeitos com os rumos da obra.

Como observado antes, após os primeiros dias, o interesse da comunidade se dispensa, e restam apenas comentários esparsos, diminuindo o número de argumentações (interpretantes lógicos), conforme a comunidade move-se para outro ambiente de discussão ou espera o próximo capítulo. A divisão dos comentários colhidos está na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos comentários

Interpretante	Quantidade
Emocional	342
Energético	116
Lógico	235
Total	693

Fonte: Elaboração própria.

3 Considerações finais

A análise apresentada é a corporificação de um método, ainda em construção, que busca entender o processo de recepção, ou significação, de um produto midiático através da ótica do interpretante. Tomando a teoria do interpretante de Peirce como fundamento teórico, encontramos a significação como um processo objetivo, determinado pelo signo (o produto midiático), que pode ser mensurado e analisado, ainda que parte do processo seja potencial, *in abstracto*. Longe de ser uma fraqueza do método, essa característica de potencialidade o liberta de ser determinista e remove qualquer pretensão de abarcar a totalidade das significações presentes no objeto estudado. Ao invés, partimos de uma *esperança* de encontrar seus possíveis interpretantes, e esta esperança é, para Peirce, tudo que temos em qualquer empreendimento científico.

A partir da análise, verificamos que os fãs do *site OPEX* conseguem operar nos três níveis do interpretante, dialogando com o *manga* não apenas em contemplação emocional, nem em mera reação isolada, mas no nível do interpretante dinâmico lógico, possibilitando o crescimento efetivo das ideias. Ou seja, para esses fãs, no longo caminhar da semiose, a atividade de acompanhar o *manga* pode provocar mudanças reais de hábitos em suas vidas. Entretanto, o método ainda é incipiente e a amostra é relativamente pequena, de forma que resultados mais conclusivos, principalmente sobre os tipos de crenças e hábitos impregnados nesse *manga*, demandam ainda outros desdobramentos em pesquisas posteriores.

Referências

- BENEDICT, Ruth; TOZZI, César. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BUCZINSKA-GAREWICZ, Hanna. The reality of signs. **Semiotica**, v. 45, p. 315-330, 1983.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain; SUSSEKIND, Carlos. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números**. 27 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2015.
- GUSMAN, Sidney. Mangás: hoje, o único formador de leitores do mercado brasileiro de quadrinhos. In: LUYTEN, Sonia Bibe (Org.). **Cultura pop japonesa**. São Paulo: Hedra, 2005.

LUYTEN, Sonia Bide. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2012.

MERREL, Floyd. **Peirce, signs and meaning**. Toronto: University of Toronto Press, 1997.

ODA, Eiichiro. **One Piece**. Cap. 992. 2020. Disponível em: <https://onepieceex.net/mangas/leitor/991/#15>. Acesso em: 25 mar. 2021.

PASTOUREAU, Michel. **Preto: história de uma cor**. Brasília: Imprensa Oficial, 2011.

PEIRCE, Charles S. **Manuscritos inéditos**. [s.l, s.d]. Referenciado como MS e o número do manuscrito, segundo a paginação estabelecida pelo Institute for Studies in Pragmaticism, Lubbock, Texas.

PEIRCE, Charles S. **Philosophical Writings of Peirce**. Buchler, Justus (ed.). Nova York: Dover, 1955. Referenciado como PWP seguido do número da página.

PEIRCE, Charles S. **Semiotics and signifiics: The correspondence between Charles S. Peirce and Victoria lady Welby**. C.S. Hardwick (ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1977. Referenciado como SS, seguindo do número da página.

PEIRCE, Charles S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vol. I-VI. C. Hartshorne et P. Weiss (eds.), Vol. VII-VIII A. Burks (ed.). Cambridge: Harvard University Press. 1931-1958. Referenciado como CP, seguindo do número do volume, ponto, e número do parágrafo.

PEIRCE, Charles S. **The Essential Peirce**. Vol. I-II. N. Houser et C. Kloesel (ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1992-1998. Referenciado como EP seguindo do número do volume, ponto, e número da página.

PETERS, Megan. One Piece Challenges Dr. Seuss and Harry Potter with New Sales Record. **Comicbook**, 2021. Disponível em: <https://comicbook.com/anime/news/one-piece-manga-sales-480-million-harry-potters-seuss/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

SAVAN, David. **An Introduction to C. S. Peirce's Full System of Semeiotic**. Toronto: Toronto Semiotic Circle, 1987.

SCHODT, Frederik L. **Manga! Manga! The world of Japanese comics**. 1. US ed. New York: Kodansha USA, 2012.